EDITORIAL

Desafiando horizontes: o pensamento mais-que-humano em tempos de crise

Vivemos um tempo de urgências de toda sorte. Afetados pela sombra de ameaças das mais variadas, somos desafiados a pensar em outros rumos da vida em coletividade. Do ponto de vista das urgências ambientais, erguem-se uma miríade de termos que aludem às relações perniciosas entre o ser humano, outros seres e os inanimados que nos cercam e fazem nossa vida ser possível: plantatioceno, capitaloceno, negroceno e tecnoceno se juntam a múltiplos neologismos que aludem a uma era que parece exigir a correção de rumos inter-relacionais (Souza Junior, 2024).

A despeito da cisão modernista entre o homem e a natureza - questionada em diversos âmbitos, incluindo a concepção de que a natureza não se define (Schama, 2009 [1995]), é urgente o pensamento multiafetivo mais-que-humano, que - para além da banalidade da expressão-clichê "espaçonave Terra" - nos apresenta lentes especiais de análise, que incluem esquemas de interpretação afetivo-performáticos. Tais esquemas desenham de forma irretocável não somente as responsabilidades que derivam de nossas performances, mas noções que nos enlaçam com a paisagem.

É de se pensar que as ideias que remontam à *shanshui* (山水) – expressão chinesa que significa paisagem e que aglutina os logogramas *hanzi* que significam "água" e "montanha" – já permitem pensar, antes mesmo da consolidação da modernidade europeia, uma forma de ver a paisagem como uma integração absoluta dos elementos constituintes e correlatos: a ausência da linha do horizonte na representação característica desta tradição chinesa nos força a ver o céu, a água, a superfície da terra e os seres que os habitam integrados sistematicamente. Essa abordagem não apenas desafia a hierarquia moderna entre humanidade e ambiente, mas sugere também uma cosmovisão mais holística e inclusiva, onde o observador humano não domina a paisagem, mas é um participante ativo e intrinsecamente conectado a ela.

Dessa maneira, a compreensão afetivo-performática impulsionada por tais tradições oferece não apenas uma forma distinta de ver o mundo, mas evidencia a necessidade de modelos alternativos de interpretação da realidade espacial capazes de romper com as convenções tradicionais de perspectiva linear e fragmentação do espaço. Ao adotar um pensamento multiafetivo mais-que-humano somos estimulados a dissolver fronteiras rígidas e artificiais entre o sujeito observador e a paisagem observada, reconhecendo que nosso engajamento com o mundo é simultaneamente afetivo e performático. Ao invés de percebermos a natureza como cenário estático que serve de pano de fundo às ações humanas, passamos a compreendê-la como coautora ativa das nossas vivências e experiências cotidianas, dotada de agências próprias e múltiplas formas de se manifestar. Tal perspectiva demanda que assumamos integralmente as

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 3, set/dez 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

responsabilidades decorrentes dessa interação profunda, nos incitando a refletir criticamente sobre as consequências ambientais, éticas e sociais de nossas ações no espaço e no tempo.

O artifício de Tim Ingold (2012) acerca da utilização de uma estrutura hifenizada de comunicação busca atender esses anseios: para o autor, a árvore apresenta como "árvore-no-ar", à medida que o contínuo movimento de sua folhagem é permitido pelo vento. Da mesma forma, o peixe se apresenta como "peixe-na-água". São *insights* poderosos que, mais do que simplesmente argumentar acerca de nossa essência integrada, auxiliam a explicar a história tal como ela se consolidou. Foi essa a preocupação de Alfred W. Crosby em *Imperialismo Ecológico* ao escrever como a interação multiespécies pode direcionar o rumo da história da colonização. É sobre este tipo de interação que versou o artigo de Sousa *et al.*, que abordou as relações envolvendo vermes parasitas e os efeitos sobre os cultivos. Apesar de toda a preocupação econômica quanto a atuação e parasitas, sabe-se que em alguns casos a associação interespécie pode ser compreendida como benéfica, à medida em que em alguns casos pode contribuir para o crescimento da planta. Em contrapartida, Chiapetti (2014) descreveu as entranhas da crise cacaueira no sul da Bahia a partir do alastramento do fungo vassoura-de-bruxa, que trouxe a reboque efeitos sociais negativos notáveis para a região concentradora do cacau.

Nesta edição de Recital, a lógica afetivo-performática que integra seres e coisas foi colocada à prova na interessante abordagem de Nogueira *et al.* envolvendo a bioestimulação de mudas de pimenta de cheiro cultivar Lupita (*Capsicum chinense L.*). As pimentas também foram alvo do trabalho de Custodio *et al.*, com o foco específico no melhoramento genético. Ambos trabalhos envolvendo pimentas mostraram de que forma as interações e intervenções deliberadas do ser humano impactam a performance vegetal. Em linha similar, o monitoramento da produtividade de cultivares de soja aparece como objeto de preocupação de Guerra *et al.*, evidenciando a lógica que envolve o comportamento humano e a produção vegetal.

A água é um elemento relevante de afeto mais-que-humano, incidindo não somente nas imagens e nas crenças dos lugares, como outrora descreveu Cristina Zara (2021). Leah M. Gibbs (2009) e Krause e Strang (2016) sugerem que se focarmos nossos estudos nas formas como as relações sociais e hidrológicas são interconectadas e mutuamente constitutivas chegaremos a uma compreensão mais profunda do papel da água na vida social. Essa melhor compreensão possibilita o ganho de ferramentas teóricas importantes para uma melhor gestão dos recursos hídricos. Nesta edição acrescenta-se a investigação da resposta do feijão-mungo a diferentes níveis de irrigação, em um artigo assinado por Nascimento *et al*. que mostra a relevante interação entre o caráter elemental e manipulável do recurso hídrico e o plantio.

As interações mais-que-humanas nem sempre criam subprodutos benéficos. É um tropo do nosso tempo os malefícios que desestabilizam equilíbrios tênues interespécies, provocados pela sanha econômica que move a performance antrópica. Sob a égide desta monta situa-se as preocupações de Mendes *et al.*, que buscaram caracterizar as intoxicações causadas por agrotóxicos em Frutal, em uma temporalidade recortada de 2010 a 2019. Por outro lado, a crise ambiental estimula a busca por soluções como aquela abordada por Lima *et al.*: os autores

propuseram a síntese de concretos visando a diminuição da concentração de cimento, adicionando em seu lugar agregados orgânicos na forma de pó de serragem da espécie *Eucalyptus cloeziana*.

Criar animais já significa promover o afeto interespécie em seu esplendor. No artigo de Oliveira *et al.* foi analisada a diferença de rendimento de bezerras de corte submetidos a diferentes suplementos alimentares. Essas relações precisam ser vistas em cadeias amplas e de diversos ângulos: a princípio, a manipulação parece ser controlada pelo viés antropocêntrico, mas se vê, a partir da lógica afetivo-performática, que o ser humano também se prende e é envolvido no contexto dos arranjos relacionais heterogêneos – conceito apresentado na literatura estrangeira como *assemblages*. É o que Maan Barua (2014) mostrou no interessante artigo acerca das relações afetivo-performáticas envolvendo elefantes, a bebida fermentada sulai, o cultivo do arroz e as comunidades humanas em Assam, Índia. Ali, humanos e elefantes se entrelaçam afetivamente e performaticamente, demonstrando que essas conexões transcendem a visão antropocêntrica tradicional e revelam um tecido social mais-que-humano rico em performances cotidianas permeadas por emoções complexas, estratégias adaptativas e negociações constantes, onde humanos e elefantes estabelecem formas únicas e dinâmicas de convivência e conflito.

Esta edição da Revista Recital traz um destaque especial às práticas educacionais. Soares *et al.* fazem um levantamento sobre os tipos de produtos educacionais produzidos pela pós-graduação ProfEPT no período 2020-2023, mostrando que o Mestrado profissional amparado pelo IFNMG – que também possui ramificações em outras instituições federais – é capaz de replicar aquilo que chamaram de "esperança da prática pedagógica". Bastos e Almeida, por sua vez, lançaram luz sobre o bullying, investigando os motivos pelos quais alguns discentes não denunciam esta prática quando a mesma recai sobre eles. É um assunto central e poderoso do cotidiano das escolas e perpassa por questionamentos afetivos e performáticos.

Alves *et al.* exploram as potências afetivas da linguagem dos quadrinhos para o ensino da física, indicando potencialidades e desafios para a apropriação desta forma de comunicação. Em sentido próximo e igualmente buscando transcender os limites da educação convencional, práticas de gamificação aplicadas ao ensino da anatomia humana foram o objeto de Tuchtenhagen *et al*. Destaca-se ainda a instigante abordagem de Julia Lange e Paula Bervian que buscaram também o apoio na gamificação como meio afetivo de implementação de práticas pedagógicas voltadas para os profissionais de enfermagem.

A música pode ser um meio afetivo e – portanto – político. Quando o afeto é manipulado, isso significa que as performances também podem ser guiadas por interesses escusos (Pykett, 2018). O rap – que surgiu em meio a uma atmosfera política – foi abordado por Márcia Alves Soares da Silva e Davi dos Santos Leite, autores que buscaram apontar a relevância dos sons para a significação afetiva espacial.

A professora Márcia – que assinou o artigo que versa sobre as batalhas de rap em Cuiabá – é uma das entrevistadas desta edição de Recital. Com atuação destacada e consolidada no campo das geografias emocionais, a professora Márcia foi entrevistada por Leonardo Luiz Silveira da

Silva e Alfredo Costa. O corpo da entrevista explora os meandros da subdisciplina das geografias emocionais, que tem sua relevância cada vez mais reconhecida no âmbito da geografia. A seção de entrevistas inclui ainda a conversa com a professora Lúcia Helena Batista Gratão, um baluarte da geografia cultural brasileira. Esta entrevista – muito bem conduzida pelos professores Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Jéssica Soares de Freitas – explorou aspectos biográficos que se misturam com o desenvolvimento da história do pensamento geográfico brasileiro.

Ao final da edição, a seção Recital artístico apresenta quatro produções literárias, das quais três delas são de autoria de Marcelo Calderari Miguel. Seu estilo é marcado pela irreverência e sensibilidade. A seção conta com o texto de Bernardo Almeida Rocha, intitulado "A caminhada".

Por meio desta edição, a Recital reforça seu compromisso com a pluralidade de abordagens e pensamentos e agradece aos autores e leitores que são a razão de ser do periódico.

Leonardo Luiz Silveira da Silva e Alfredo Costa

Editores da Revista Recital

Abril de 2025

REFERÊNCIAS

BARUA, Maan. Volatile ecologies: towards a material politics of human-animal relations. **Environment and Planning A**, v. 46, n. 6, p. 1462-1478, 2014.

CHIAPETTI, Jorge. A crise da atividade cacaueira no contexto do reordenamento da economia mundial. **Agrotrópica**, v.26, n.3, p.157-166, 2014.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

GIBBS, Leah M. Water Places: Cultural, Social and the More-Than-Human Geographies of Nature. **Scottish Geographical Journal**, v.125, n.3-4, p.361-369, 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos em um mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n.37, p.25-44, Jan./Jun., 2012.

KRAUSE, Franz; STRANG, Veronica. Thinking Relantionships Through Water. **Society & Natural Resources**, v.29, n.6, p.633-638, 2016.

PYKETT, Jessica. Geography and neuroscience: critical engagements with geography´s "neural turn". **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.43, n.2, p.154-169, 2018.

SCHAMA, Simon. (2009) **Paisagem e Memória.** São Paulo: Companhia das Letras.

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes. Quantos “cenos” forem necessários: múltiplas faces conceituais ante ao Antropoceno. **Acta Scientiarum**, v.46, e71171, 2024.

ZARA, Cristiana. Venice in Vanarasi: Fluid landscapes, aesthetic encounters and the unexpected geographies of tourist representation. **Shima**, v.15, n.1, p.225-255, 2021.